

## O CONTEXTO DE VIDA DO ALUNO NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO\*

Edna Mariana Machado Silva\*\*

### Resumo

Estudo sobre o processo de alfabetização na perspectiva do trabalho realizado pelas escolas estaduais de Uberlândia, evidenciando o contexto de vida do aluno. A escola, de modo geral não considera a experiência de vida do aluno adquirida antes e durante o processo de alfabetização.

### 1. Introdução

Todo educador realmente comprometido com o processo de ensino-aprendizagem não deixa de estar em constantes reflexões e questionamentos sobre os problemas educacionais.

Atualmente a preocupação maior tem girado em torno das classes de alfabetização, ainda que a crise educacional não se evidencie somente neste nível do ensino.

São várias as publicações que trazem matérias sobre alfabetização (*Nova Escola, Amai Educando, Caminhos, Tempo e Presença*, entre outras). Diversos aspectos têm sido mencionados nesta temática, porém os mais relevantes são os que se referem ao contexto de vida do aluno sob a perspectiva da escola e a

relação professor-aluno. Estes fatores são colocados como de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem visto que o aluno, ao ingressar na escola, não começa do zero, mas é portador de uma gama de conhecimentos e experiências que precisam ser aproveitadas. E a escola não é algo à parte, ela também faz parte da vida da criança. Precisa-se alfabetizar no sentido de formar o homem integrado no mundo. A relação professor-aluno, o clima de trabalho na sala de aula entram como base para um bom desempenho do aluno e influem muito na formação da sua personalidade.

Ao nos depararmos com tantas publicações, percebemos que o momento é realmente propício para as observações, as críticas, as pesquisas e também para as propostas de alternativas.

Percebe-se que há uma tendência para a mudança, que a escola tem procurado direcionar o ensino segundo uma abordagem cognitivista, em que o construtivismo, a descoberta são o foco da questão. E segundo essa linha supõe-se que a escola considere o que a criança já sabe, que o ensino parta de suas experiências. Mas a gente sabe que o novo gera insegurança no professor, daí a resistência quase inconsciente à mudança.

---

\* Trabalho apresentado no I Congresso Científico da UFU, 1992.

\*\* Professora do Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica da Universidade Federal de Uberlândia. Mestranda em Educação pela UFU.

Aí refletimos e indagamos:

- Será que a escola, de modo geral, considera o contexto de vida do aluno nas classes de alfabetização?

- Sua experiência de vida é trabalhada na escola?

- A bagagem cultural adquirida anteriormente ao processo educacional escolar e durante o mesmo é tomada pelo menos como ponto de partida de aprendizagem?

- Como a escola trabalha o contexto de vida do aluno?

- Qual a visão que os professores têm de educação, de escola, de alfabetização?

- Como eles vêem a educação hoje?

- Quais são suas perspectivas futuras para a educação?

Estas são algumas das várias questões que nos preocupam. E isso nos impele a pesquisar, analisar, buscar caminhos que nos levem a apontar alternativas e contribuir de alguma forma com o processo de ensino da leitura e da escrita que tanto preocupa os educadores atualmente.

A inquietação, a dúvida é importante na vida do homem, pois ela o conduz à ação e somente pela ação é que o homem se realiza, se transforma e é capaz de transformar a realidade.

Guiados pela necessidade de buscar respostas aos questionamentos sobre os problemas educacionais nas classes de

alfabetização sob a perspectiva do contexto de vida do aluno inserido no trabalho pedagógico, realizamos esta pesquisa com o objetivo de verificar se a escola considera a experiência do aluno adquirida antes e durante o processo escolar de alfabetização, pois sabemos que ao ingressar na escola a criança não está começando do nada, pelo contrário, ela já tem todo um conhecimento, que, em interação com o meio, ela mesma construiu. E isso é de suma importância que o professor conheça, considere e aproveite, pois o clima de trabalho na sala de aula e a maneira como é desenvolvido o trabalho pedagógico são primordiais para o bom desempenho do aluno.

## 2. Fundamentação Teórica

### 2.1. Algumas considerações sobre Educação e Escola

Educação é algo que acontece em todas as relações sociais.

*"A educação é o meio por excelência de elevar o indivíduo a sua condição de pessoa humana, pois não há possibilidade de se desenvolverem personalidades humanas em isolamento". (CAMPOS, 1985, p.11-2)*

*A educação é algo que acontece concretamente.*

*"Indivíduos concretos são educados para sociedades concretas, numa dimensão de tempo e espaço. O conhecimento dessa sociedade em que se vive e para a qual se está educando é condição imprescindível como ponto de partida da ação educativa". (Idem, p.12)*

Educação é processo de vida, é algo que acontece desde o nascimento e se estende até a morte, pois o homem é um ser inacabado, tem uma curiosidade natural, está sempre buscando alguma coisa e nunca se dá por satisfeito, sempre tem o que fazer, o que descobrir, o que criar.

A escola é tida como uma instituição fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Mas é preciso alertar para o fato de que o *locus* do educativo não está apenas na escola, mas também nas outras instâncias da sociedade.

Existe uma concepção de que a escola prepara o indivíduo para a vida, para o trabalho, para a sociedade, mas propõe-se aqui que a escola vá além disso. A escola não só prepara para a vida, mas é ou deveria ser, a própria vida ou talvez fique melhor dizer que é parte da vida e não algo alheio a ela, que vai pegar pequenos seres, dar o preparo adequado e um dia dizer: você está pronto para a vida, pode vivê-la. Será que, enquanto o aluno está na escola, sua vida pára em função dela? E seu convívio familiar, suas brincadeiras com os colegas, seus passeios, seu trabalho - muitas de nossas crianças trabalham - não são a vida da criança? Por isso, é pouco dizer que a escola prepara para a vida tão somente.

## **2.2. Algumas considerações sobre alfabetização**

Em pronunciamento na I Teleconferência Latino-Americana sobre Alfabetização, em 05/04/89, Magda Soares afirma:

*“é importante se ter claro que não só pela alfabetização tem-se acesso ao mundo da*

*leitura e da escrita; a escrita é presença constante, não se espera a escola para se compreender a escrita enquanto sistema de representação e socialização. Essa percepção acontece antes da escola e apesar dela. Portanto, a escola apenas dá continuidade a um processo de alfabetização já iniciado, ou alfabetiza o indivíduo já letrado, seja maior ou menor o grau de letramento. E normalmente a escola ignora esse convívio da criança com a escrita. Tal atitude leva o indivíduo a desaprender a função social da leitura e da escrita e leva à função escolar (ensina-se o que a escola quer que saibam, o que nem sempre é o que se precisa saber). Espera-se que a escola seja outra, que ensine a leitura e a escrita como ato político e social. A mudança sobre alfabetização talvez devesse começar na formação dos profissionais dessa área”.*

Precisamos acreditar na inovação e na capacidade do alfabetizando, lembrando o que disse Emília Ferreiro: “as crianças aprendem pouco repetindo e muito construindo sua representação” (I Teleconferência Latino-Americana sobre Alfabetização, 05/04/89).

*“A alfabetização começa no momento da própria expressão, quando as crianças falam de sua realidade e identificam os objetos que estão ao seu redor. Concebemos a alfabetização, portanto, como um processo de representação que envolve substituições gradativas (ler um objeto, um gesto, uma figura ou desenho, uma palavra) onde o objetivo primordial é a apreensão e a compreensão do mundo, desde o que está mais próximo à criança ao que lhe está mais distante, visando a*

*comunicação, a aquisição de conhecimentos, a troca" (KRAMER, 1982, p.61).*

Magda Soares chama a atenção para a tendência atual de se considerar alfabetização como um processo permanente, que se estende por toda a vida, que não se esgota na aprendizagem da leitura e da escrita. Ela concorda com esta tendência, mas nos alerta para a diferenciação entre um processo de aquisição da língua (oral e escrita) e um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita); este último é que, sem dúvida, nunca se interrompe. Etimologicamente, o termo alfabetização não ultrapassa o significado de "levar à aquisição do alfabeto", ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever (SOARES, 1985, p.20).

Esta autora nos fornece uma boa explicação do seu conceito de alfabetização. Podemos apresentá-lo aqui assim resumido: "alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler), mas também um processo de expressão/compreensão de significados através do código escrito."

Juntamente com este conceito de alfabetização, a autora coloca a questão do aspecto social da alfabetização. A conceituação de alfabetização não é a mesma em todas as sociedades. Para um lavrador, por exemplo, a alfabetização é um processo com funções e fins bem diferentes do que seria para um operário da região urbana. O conceito de alfabetização, portanto, depende de características culturais, econômicas e tecnológicas que enfatizam o seu aspecto social, donde a expressão "alfabetização funcional".

*"A alfabetização é fundamentalmente um processo político, através do qual grupos excluídos dos direitos sociais, civis e políticos têm acesso a bens culturais que lhes são sonogados e que são um capital indispensável na luta pela conquista desses direitos, pela participação no poder e pela transformação social. A alfabetização é um instrumento na luta pela conquista da cidadania" (SOARES, 1990, p.40).*

Pelo exposto acima pode-se dizer que a alfabetização é um processo amplo de ensino-aprendizagem, mas que contém elementos bem específicos e que no ato pedagógico devem estar contidos o social, o político e o econômico, sem ser esquecido o afetivo-emocional do aluno que, ao lado do cognitivo, propiciam as condições para se efetivar as estruturas de conhecimento através de ação concreta do indivíduo.

### **2.3. Algumas considerações sobre a Prática Pedagógica**

*"O conhecimento, a superação do senso comum e a formação da consciência se dão na e pela práxis. Práxis que resulta da unidade dialética entre a teoria e a prática, o pensar e o agir" (FRIGOTTO, 1987, p.19).*

O desenvolvimento da consciência crítica se efetiva através de uma prática pedagógica significativa, condizente com a realidade do aluno, com o seu contexto de vida. A aprendizagem é significativa quando o aluno relaciona o que aprende com o que já sabe, com o que vive. O aluno precisa ter condições de agir e descobrir por suas experiências que teoria e prática não se separam, que tudo tem

aplicabilidade, faz sentido e tem significado no mundo.

Os conteúdos trabalhados na escola devem ser os essenciais e significativos para o aluno, que poderá utilizá-los em qualquer situação de sua vida.

A produção da escrita precisa ser mais conexa, mais interessante. O aluno tem um potencial muito grande e uma gama de experiências que lhe oferecem condições para desenvolver um excelente trabalho. Depende muito de o professor saber direcionar as atividades de modo a aproveitar tudo isso. O seu espaço na sala de aula é muito valioso, pois lhe permite cumprir o programa escolar da maneira que lhe parecer mais apropriada, mais positiva para si e para seus alunos. Apropriada no sentido de aproveitar as oportunidades para realizar não só o aprendizado dos conteúdos formais como também o aprendizado do humano, ou seja, no relacionamento professor-aluno é preciso que haja autenticidade, compreensão, respeito e aceitação do ser em todos os seus limites e possibilidades; o clima afetivo-emocional é o suporte para uma aprendizagem significativa e para o desenvolvimento da personalidade da criança, pois a auto-estima é construída a partir da referência recebida dos adultos que lhe estão mais próximos.

### 3. Metodologia

Para pesquisar as questões anteriores, foram entrevistados 44 professores do Ciclo Básico de Alfabetização (iniciante e continuante de 12 escolas estaduais da cidade de Uberlândia).

Iniciante (CBAI) - 25 professores.

Continuante (CBAC) - 19 professores.

Tais escolas foram escolhidas aleatoriamente dentre as 60 escolas estaduais de Uberlândia através de uma estratificação das escolas situadas nas zonas centrais e periféricas.

As perguntas eram amplas e específicas, girando em torno de:

- a) Conceitos sobre educação, escola, alfabetização.
- b) Procedimentos de ensino.
- c) Questões relacionadas à família.

### 4. Resultados e Conclusões

Pelos resultados obtidos pode-se dizer que o professor do ciclo básico, de modo geral, tem um discurso teórico esperado no que se refere à concepção de educação, de escola, de alfabetização. Porém, ele tem dificuldade em conciliar teoria-prática de forma a desenvolver um trabalho pedagógico mais voltado para as necessidades do aluno em termos de elaboração do conhecimento através de sua ação e não da simples transmissão por outrem ou da repetição do que lhe é ensinado. Podemos verificar essa dificuldade do professor pelo procedimento adotado em sala de aula ao trabalhar o conteúdo formal, pois o livro-texto é a sua bíblia. Embora as estórias ali contidas não tenham nada a ver com a vida do aluno, todas as atividades do professor giram em torno desse livro.

A produção de texto é trabalhada na média de uma vez por semana e através de gravuras ou baseada em estórias do livro-texto. Isso é muito abstrato, está longe do que o aluno conhece e vive no dia-a-dia fora da escola, o que

tolhe muito a criatividade da criança, a sua oportunidade de falar o que sabe e o que pensa. Existem alguns professores que procuram explorar os assuntos atuais, polêmicos, importantes, que estão por toda parte, divulgados por toda a imprensa. Eles levam jornais e revistas para a sala e criam diversas atividades para trabalhar os conteúdos de uma forma mais interessante para o aluno. Mas estas são as raras exceções.

Outro fato a se considerar é que 34% dos professores acreditam que as dificuldades dos alunos são devidas às precárias condições de trabalho do professor, principalmente pela falta de material concreto, o que interfere em especial no ensino da matemática. Mas, ao mesmo tempo, eles dizem que procuram trabalhar mais com material concreto quando detectam as dificuldades dos alunos. Ou eles são incoerentes, ou realmente tentam arranjar material concreto, quando sentem sua falta e sua importância para a aprendizagem das crianças alfabetizadas. Na realidade, sabemos que o material concreto para se trabalhar todos os conteúdos não está longe do alcance do professor, pois existem muitas coisas simples e de uso geral (as sucatas) que podem ser aproveitadas.

Ainda é importante ressaltar o grande número de professores, em torno de 68%, que indicaram os problemas, mais especificamente a interpretação destes, como dificuldade da matemática. A causa dessa dificuldade pode ser derivada da maneira como se trabalha a interpretação dos textos, da pouca produção de texto em sala de aula e da maneira como se dá essa produção e também dos próprios problemas, que na grande maioria não têm relação nenhuma com aqueles vividos pelos alunos, como: o pouco dinheiro para o

supermercado e os altos preços das mercadorias, o pouco que se compra nas feiras, o grande gasto em casa pelo número de pessoas, a taxa de luz e água, o preço da condução que o pai paga para ir ao trabalho, o pequeno aumento do salário e tantas coisas mais que realmente são grandes problemas para os alunos que muitas vezes ajudam a família a resolvê-los. Aí também pode estar uma das causas da dificuldade com as operações, apontada por 39% dos professores, e de igual forma a memorização dos fatos fundamentais, o que 27% dos professores ressaltaram. Sem compreender o processo, que não é ensinado com vinculação à realidade do aluno, é natural a dificuldade em memorizar os fatos e ser capaz de operar com eles.

Expressivo é o fato de 57% dos professores colocarem nos pais a causa da repetência do aluno, alegando que eles não acompanham a vida escolar do filho. Este fato deu margem a uma outra pesquisa, já em andamento, em que verificaremos a influência desse fator no rendimento do aluno.

Também a causa da evasão e das dificuldades de aprendizagem em geral, para muitos professores, em torno de 45%, está nos pais e nos alunos.

Sabemos que existem vários fatores que interferem na aprendizagem, mas será que a causa do baixo rendimento, da evasão, enfim, do fracasso escolar está só nos pais e alunos? É difícil aceitar isso.

A escola tem a função de ensinar, de propiciar as condições para que se efetue uma verdadeira aprendizagem, pela qual se concretize a transformação do ser, de uma

maneira tal que o aluno goste da escola, sint-a como parte de sua vida, como um local onde ele pode falar e ser ouvido, expressar de várias formas o seu pensamento e desenvolver ações inteligentes, descobrindo e construindo, sendo realmente o sujeito do conhecimento, como ser concreto e social que ele é. Aos pais cabe acompanhar, sim, a vida escolar do filho, mas orientando, formando o hábito de estudo, observando o cumprimento das tarefas, e não ensinando-as aos filhos, como muitos professores supõem dever ser o acompanhamento, atribuindo à falta deste a grande causa do fracasso dos alunos.

Os professores esperam que o governo os apóie mais, propicie melhores condições materiais, coloque mais pessoal especializado nas escolas para melhorar a qualidade do ensino. Também acham que eles precisam estudar mais, fazer cursos de reciclagem, atualização. Isso é necessário realmente, mas o cerne da questão para a melhoria da qualidade do ensino está mais em suas mãos, na visão de educação, nas atitudes do seu dia-a-dia profissional, no aproveitar o seu espaço da sala de aula de forma a trabalhar comprometidamente, com dedicação, visando formar pessoas íntegras, capazes de resolver seus problemas e interagir criticamente no mundo.

Afinal, "ensinar é um amplo movimento de vida entre o educador e o educando" (MORAIS, 1986, p.5). Deve-se lembrar que toda margem deve ser dada à criatividade, à descoberta, pois o aluno aprende por si mesmo se lhe são dadas as condições. "A iluminação é de cada um, mas as luzes são do mundo, pois o próprio eu só se estrutura e se conhece a partir do mundo" (Idem, pp. 9-10).

O cognitivo é muito importante, mas o humano, o afetivo-emocional também caminha junto. O ensino deve buscar a sensibilidade e a inteligência do aluno através de uma convivência harmoniosa, onde a autoridade do professor seja no sentido de conduzir as atividades propondo-se a ser aceito e não com autoritarismo, bloqueando e inibindo a produção do aluno, como muitas vezes acontece.

Com a realização desta pesquisa, pudemos concluir que a escola realmente não considera a experiência de vida do aluno, tratando-o como um ser passivo, receptivo e não como um sujeito cognoscente, ativo, construtor do seu conhecimento. Porém, há uma tendência à mudança, uma vez que se procura estudar novas pesquisas e descobertas, como as de Emília Ferreiro, pois os professores se preocupam com o fracasso escolar e tentam amenizá-lo. Acreditamos que isso será possível se compreenderem a importância da contribuição da pesquisadora e seguirem suas orientações, considerando como a criança aprende e tiverem como ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem o contexto de vida do aluno com toda a competência adquirida antes da escola.

## Bibliografia

- CAMPOS, Maria Cristina Siqueira de Souza. *Educação: agentes formais e informais*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1985.
- GHANEM, Maria José Carvalho. A construção da auto-estima. In: *Coletânea Amai Educando: construindo a alfabetização*. Belo Horizonte, 1990.

- FRADE, Izabel Cristina Alves da Silva. Produção de texto na escola. In: *Coletânea Amai Educando: construindo a alfabetização*. Belo Horizonte, 1990.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez, 1987.
- KRAMER, Sônia. Privação cultural e educação compensatória: uma análise crítica. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: n. 42, p.54-62, 1982.
- MORAIS, Régis. *O que é ensinar*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.
- SOARES, Magda Becker. As muitas facetas da alfabetização. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: n. 52, p.19-24, fev.1985.
- \_\_\_\_\_. Universidade, cidadania e alfabetização. In: *Caminhos*. Belo Horizonte: n.1, p.37-41, 1990.